

A VOLTA DE PRESTES

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Entra agora em cena o sr. Luiz Carlos Prestes. Quando o picadeiro nacional já se achava repleto de cômicos e de acrobatas, cada um a executar os lances de habilidade que dessem ao respeitável público alguma compensação pelo preço excessivo do espetáculo e pelo excessivo incomodo das arquibancadas, chega-nos pela porta dos fundos um senhor baixote, gordinho, mesureiro, afável com um ar de empresário que vem explicar os motivos de força maior que o induzem a querer modificar o programa anunciado. É o sr. Luiz Carlos Prestes, ex-Cavaleiro da Esperança. Voltou. E as pessoas que imaginavam a seu modo o revolucionário vermelho admiram-se vendo um sereno, um sereníssimo sexagenário corretamente vestido e corretissimamente controlado nos gestos e nas palavras. Tirando a gravata, que ainda é vermelha, tudo o mais é cinzento e neutro. E tem resposta para todas as perguntas que lhe fazem os cem ou duzentos repórteres que correram a entrevistá-lo. Convem assinalar, de passagem, a solicitude com que os jornais, desde os mais conservadores até os mais avermelhados, acorreram a prestigiar o homem do dia. Os postulados fundamentais da civilização burguesa — o culto do sucesso, a mística da suação, a ética do prestígio — jeavam a raça suicida a bafejar seus mais irredutíveis inimigos. Mas isto é outra historia. Voltemos ao que voltou. Vamos dizendo que o homem se apresentou aparelhado a responder a todas as perguntas que lhe fizessem. E o tom das respostas foi sempre, invariavelmente, neutro e tranquilo. O ex-cavaleiro da esperança parece ter chegado à conclusão de que o inevitável determinismo dispensa arroubos e paixões. Como peça da máquina dos acontecimentos, retificada e lubrificada, não lhe convem gemer ou imprecar. Tudo se processará mecanicamente. O próprio partido integralista, que nos bons tempos do comunismo totalmente romântico fazia o homem de esquerda rilhar os dentes, tornou-se agora para o sr. Prestes um partido tão aceitável e tão democrata como qualquer outro.

Quem prestou alguma atenção às respostas do sr. Prestes terá, entretanto, verificado uma coisa curiosa. O tom de serena objetividade e por assim dizer a única substância das respostas. Em outras palavras, o sr. Prestes, com enorme e tranquila serenidade, só respondeu com o tom e não com o conteúdo. Na verdade ele não respondeu a nada ou a quase nada do que lhe perguntaram. Quando por exemplo o Juiz Monjardim Filho interrogou-o, sobre a declaração feita anos atrás, pela qual então senador Prestes, em caso de guerra entre a Rússia e o Brasil, afirmou que estaria com a Rússia foi serenamente evasiva e risonha. A hipótese formulada era impossível e continua até hoje impossível. Não haverá guerra entre a Rússia e o Brasil. Chegando ao tópico das assertivas do líder comunista relativas ao 11 de Novembro, consideradas como manobras destinadas a intrigar e dividir as forças armadas, Prestes respondeu ao juiz que apenas desejara assinalar a presença de generais fascistas. Logo após acrescentou: "alguns generais, alguns poucos generais, fascistas meretíssimo"...

Em outra passagem do interrogatório Prestes declara, com excepcional veemência, seu respeito às forças armadas. Mas ninguém notou nenhuma veemência na opinião que emitiu sobre o PRF, ou no sério juízo que formulou sobre a deportação de sua esposa Maria Prestes. "Foi um erro do governo do dr. Getúlio Vargas". Compreende-se bem que em tão dolorosa matéria qualquer homem se retraia e desconverse. Não podemos e não queremos entrar nos sentimentos de ninguém, mas também não conseguimos fugir à estranheza dessa figura que teve títulos romanescos e que agora nos aparece como um produto cibernético dos laboratórios marxistas. Sim, a impressão que me deu o personagem foi a de um "robot". Montado para produ-

zir respostas simplificadas, e sobretudo para repetir as formulas dialéticas do "basic-russian," o ministro "robot" nos apareceu como um satélite artificial bem entrosado no sua órbita. O que eles fizeram com o cardeal Mindszenty, a custa de drogas, fizeram também uns um os outros, por um processo gradativo de despersonalização e de estupidificação. E é isto o que mais me apavora no comunismo. Mais do que a perspectiva de uma perseguição cruel, mais do que a própria perda da liberdade atroziza-me, como um pesadelo medonho, a idéia de ver generalizada aquela forma de empobrecimento mental. O mundo do homem é um prodígio de variedade: para um chato há dezenas de homens que sabem rir e chorar, dezenas de homens que ainda sabem brincar, que ainda acreditam em maravilhas, que ainda têm almas úmidas e viçosas, que, em suma ainda são capazes de amar. Imaginem um mundo sistematicamente chafificado! Imaginem um mundo, "a brave new world", em que será perseguido o individuo acusado de ter tido um pensamento lírico, ou apontado como suspeito dos antigos frêmitos de emoção.

Pode ser outra a explicação da aparente insensibilidade do sr. Luiz Carlos Prestes. Ele imagina talvez que a politica, como a concepção, deve ter o vocabulário seco das especialidades mecanicas. A emoção não deve entrar nesse domínio da mecanica social. É uma impureza, uma imperfeição técnica. Nesse esquema, o homem conserva suas irredutíveis doses de emoção, mas não deve usá-la no jogo implacável e preciso das respostas devidas aos entrevistadores. Nesse caso, se é propria do jogo politico a absoluta frieza, conclui-se que a filosofia marxista realiza, na sua maxima perfeição, a filosofia do individualismo que tem como incommunicáveis o mundo do homem e o mundo dos homens. De qualquer modo, seja por deformação, seja por jogo tático, tem-se sempre o "robot", o sputnick, o satélite artificial dos tiranos.

Ha entretanto uma coisa que ficou de toda a encenação de serenidade do sr. Prestes. Uma coisa ao menos pode ser apontada como substancia de seu pensamento, como resposta não evasiva às perguntas que lhe fizeram. Esse tutano ideológico é o nacionalismo. A palavra foi pronunciada mais de vinte vezes na sua primeira entrevista coletiva a imprensa. Nacionalismo. Eis o "mot d'ordre". Eis a bandeira. O mesmo personagem que outrora, para obedecer a outra diretriz, ou talvez por descuido declarou que em caso de guerra entre o Brasil e a Rússia estaria com a Rússia contra o Brasil, o mesmo personagem que naquele tempo transcendia aos sentimentos locais e se expandia num internacionalismo doutrinario, colocando as nações abaixo das idéias, agora não aparece como um paladino um frio e seco paladino do nacionalismo.

E assim, continue doravante a ser nacionalista quem quiser, mas continue a ser nacionalista deste ou daquele nacionalismo, em torno do petroleo ou de latas, sabendo a quem interessa essa atitude. O sr. Prestes, querendo ou não, prestou-nos um inestimável serviço. Tornou clara, inequivoca, a procedencia do nacionalismo que aqui em nosso país se especializa como um antiamericanismo. E os moços da esquerda católica, que acham muito interessante tomar uma posição diferente daquilo que a Igreja e os Papas ensinam, ficarão doravante sabendo que o verdadeiro guia de seus movimentos é o sr. Luiz Carlos Prestes. Por curiosa coincidência, nos mesmos dias em que o sr. Prestes andou propagando o nacionalismo nas páginas dos jornais conservadores, o Papa Pio XII tornou a falar contra essa corrente de má vontade e de ressentimento que infelicitas as nações. As fronteiras se tornam assim mais nítidas, e a confusão produzida pela proliferação de formulas nacionalistas começa a dissipar-se. Resta agora a tomada de posição dentro da nova nitidez. Resta agora a opção.